

**Refej e Konhko: ecologia dos saberes**

Gabriel Chaves Amorim¹
Dorvalino Refej Cardoso²
Josme Konhko Fortes³

As duas conversas foram realizadas na comunidade Kanhgág Por Fi Ga, nos anos de 2018 e 2019 para o trabalho de conclusão de curso (TCC)⁴ em História do entrevistador.

Reconhecendo que os movimentos dos *kofã* (mais velhos, idosos) e das lideranças influenciaram e foram decisivos para consolidação do território e de um projeto de organização *Kanhgág* na cidade de São Leopoldo/RS, o TCC teve como principais objetivos evidenciar narrativas sobre as trajetórias e experiências de vida dos *kofã* e das lideranças nessa comunidade.

Desse modo, a primeira conversa teve como tema principal os anos de 1970 e a iniciação como liderança nas memórias do Dorva, apelido familiar de Dorvalino Cardoso, o Refej, 58 anos, nascido em 16 de Abril de 1964 em São Valentim, filho de Benta Cardoso e Jango Cardoso, casado com Adelar de Paula. Professor bilíngue Kanhgág/português do ensino fundamental da Escola localizada na comunidade kanhgág Por Fi Ga no município de São Leopoldo, Estado do Rio Grande do Sul, extremo sul do Brasil. Graduado e mestre em educação. É grande referência intelectual para os *kanhgág*, na luta pela terra kanhgág, pela humanização da educação, por interculturalidade crítica e respeito à oralidade.

Na segunda entrevista, Josme Konhko Fortes (in memoriam), nascido em 20 de agosto de 1976 em Nonoai, fala um pouco sobre sua trajetória até chegar em São Leopoldo, como foi essa vinda e de sua esposa. Konhko foi amigo, professor, pai, conselheiro, estudante. Referência para as novas gerações, incentivou e auxiliou os jovens kanhgág a concluírem seus estudos através das provas do Encceja, rendendo bons frutos até hoje.

Acredita-se que a divulgação do pensamento kanhgág é uma importante contribuição para a afirmação e efetivação da ecologia do saberes.

¹ Mestre em Políticas e Práticas Sociais (Unisinos)

² Mestre em Educação (UFRGS)

³ Graduado em Pedagogia (Unisinos)/ **In memoriam* - Josme faleceu precocemente em maio de 2020.

⁴ Narrativas e representações de trajetórias na formação da Terra Indígena Kanhgág Emã Por Fi Ga, São Leopoldo/RS (AMORIM, 2019)

ENTREVISTA 1 – DORVALINO REFEJ CARDOSO – 24 de outubro de 2019

Ambiente: Entrevista realizada em frente à casa de Refej, ou Dorva, ambiente agradável, cacarejar das galinhas, num cenário mais ao fundo as crianças da escola brincam na hora do recreio criando um ruído agradável ao áudio da entrevista. Neste mesmo dia caminhamos até sua horta onde ele me deu algumas sementes, mudas de cana e mandioca. Dorva tem um pequeno rancho nos fundos de sua casa com hortas produtivas, mandioca, galinhas, peru, cana e outros insumos para sustento próprio.

Gabriel: Liguei o gravador Dorva.

Refej: Gosto muito de falar as coisas cabeludas, vamos dizer, crítico, não importa, é uma coisa clara, verdadeiro, as críticas.

Gabriel: Na sua juventude morou onde?

Refej: A maior parte da minha juventude foi em Votouro. Mas eu tenho nascido na colônia. Porque nasci na colônia né, porque com essa reforma agrária do Brizola eles acabaram tirando todas as terras onde nós morava, onde meus pais habitavam daí fui levado pra Votouro. Numa época implantaram o panelão né, o SPI, os antigos coronéis, pegava os indígena pra fazer uma parceria né uma ponte de trabalho, trabalho sujo vamos dizer né, trabalho escravo, juntamente com os agentes do SPI, então era um trabalho escravo, então muitas famílias fugiam desse tal de panelão pra não ficar trabalhando de graça. Aí oque que eles faziam, fugiam iam longe assim [sinalizando com as mãos bem longe], trabalhar de agregado pros colonos, trabalhar de empreitada pros colonos, então é o resultado disso que me fez eu nascer na colônia. Mas a maior parte da minha vida foi na terra indígena de Votouro. Mas eu tive a oportunidade de conhecer uma parte desses trabalhos escravos sabe, a juventude, prestar serviço se acidentar e morrer, sepultado e como nada tivesse acontecido, a partir dali o trabalho continuava, quem morreu era enterrado pronto, isso vivenciei. Então a história desse SPI ela foi muito triste, foi implantado em 1910 com Marechal Rondon e esses SPI termino em 1964 ai que foi criado a instituição FUNAI né, até esse ano de 1967 prevaleceu na aldeia os coronéis que foram postos pelo SPI né, até sessenta e sete [recordando], mas continuou um pouco ainda até 70, 74, esses agentes sendo liderança, que eram os coronéis. Mas aos pouquinhos foi acontecendo pra impor os

caciques, os caciques é uma ideia branca, não é da cultural, pra eles melhor, fazer a política, foi uma estratégia dos coronéis e os caciques, pra ser aliados dos políticos brancos, pra ser melhor, como que vo dizer, pra, a ideia era uma ponte dos branco com os índio né, fazendo uma política pra penetrar dentro das aldeia. Por que antes dos coronéis, antes de 1910 o chefe das comunidade, das terra indígena era os kujã, os pajé, com seus aliados, seus pã-i, suas parteiras e etc, etc. Ainda existe né, sabe que então até oitenta e oito, quando se conquistaram uns artigo no, na constituição federal, pra conseguir dois artigo dentro da constituição federal também foi uma luta muito grande, eu não vivenciei isso mas as liderança que lutaram pra reconhecer esses dois artigos, dizem que não foi fácil e hoje ainda é pensado pra retirar esses direitos de dentro da constituição, mas como se tem uma garantia que não se meche mais na constituição eu tô muito tranquilo. Então oque que essa constituição garante, essa constituição garante que o índio ele tem que ser respeitado conforme a sua vivência, conforme a sua organização, tá garantido né. Então hoje a gente sonha e pleiteia, é o reconhecimento desses nossos direitos, voltar à essa tradição da organização social do povo indígena que daí é vários né, vários tipos de organização que hoje já estão meio esquecidos então a gente quer revitalizar essas práticas da organização. Então ali entra tudo ne, baseado no bem viver, baseado no humano, hoje a sociedade tem que viver uma humanização, se não tem isso todas as consequências que se tem pelo planeta via continuar.

Gabriel: Quando o senhor tinha seus doze, treze anos, quando estava despontando a liderança, descobrindo né...as coisas, qual que é a lembrança e a impressão que o senhor tinha de Votouro, dos caciques e principalmente dos funcionários da FUNAI, pensando nisso que o senhor falou antes, sobre as lideranças tradicionais, dessa desorganização que o branco quer fazer.

Refej: Essa, a invenção de cacique em muitos lugares deu certo como o branco queria, mas em muitos lugares deu errado.

Gabriel: O Sr. acha que o Votouro deu certo ou deu errado?

Refej: No Votouro, quem implantou painelão em Votouro foi o Pedro Silveira, um “veinho”, conhecia ele. Ele saiu...ele era um dos coronéis de Cacique Doble, então ele pega e se muda com as família pra Votouro e lá ele implantou o tal de painelão. Eu conheci isso ainda, painelão, mas eu não sabia quem que tinha colocado idéia do painelão os outros velhos hoje me contam que foi ele que levou o painelão. Antes dele não tinha painelão, Votouro era o que mais

preservava a cultura, por isso que até hoje não tem arrendamentos de terra, lá não tem ainda. Oque que aconteceu com muitos cacique, eles deram contra o trabalho escravo, aos pouquinhos foram cortando o tal de panelão, aos pouquinhos foram dizendo: _Ninguém vai mais trabalhar de graça, cada um vai trabalhar pra si, pra sua sobrevivência. A maioria eram contra o trabalho escravo, então quando um cacique falou que isso não ia existir mais ele teve o maior apoio pela comunidade. No Votouro eu me lembro e que hoje tem alguns registro ainda, que o falecido Juvêncio de Paula, ele, toda essa ilegalidade da FUNAI, porque a Funai também continua roubando os bens do índio, construindo olaria dentro das aldeia, serrar madeira, negociava faziam projeto pra quarenta casa tirava madeira pra duzentas, trezentas casas e iam estocar fora das aldeia, isso foi uma das ladroagi. Eu me lembro, que hoje ainda está registrado, não sei onde é que eu li, acho que no trabalho da professora Andila Inácio que ela relata que o falecido Juvêncio ele denunciou a roubalheira das madeiras em jornal, em rádio e ele foi ameaçado mas a maioria da comunidade ele tinha o apoio eu sei que prenderam muitos tratores e caminhões que puxavam madeira depois da denúncia a polícia federal passou e prendeu. Oque que esses chefes da FUNAI faziam nas aldeia, ali era eles que mandavam, eles que prendia o índio quando ele errava o cacique ainda não sabia usar muito a autonomia da autoridade dele, eles é que faziam as rondas com revolver na cinta, me lembro bem. Lembro que o Lourenço, falecido Lourenço, ele era da antiga SPI e depois passou pra FUNAI e ai ele chefiava Votouro, ele que fazia ronda de noite fazia recolhimento dos índio, não beber, essas coisas ele ia atacando, mas sempre tinha o revolver na cinta. Isso eu me alembro, me alembro porque eu vi, eu vi, era criança. Alguma coisa sobre sustentabilidade.

[Pausa para fazer um palheiro.]

Refej: Vixi naquela época tinha uma borracha, uma borracha roxo, meio laranjado assim que eu cansei de ver mandar dar laço nas mulher nos rapaz, nos home que não obedecia amarravam e davam de laço, isso eu vivenciei aos pouquinhos isso foi terminando e hoje isso já está bem mudado. Hoje quem faz a lei dentro da aldeia é a liderança, chefe da FUNAI hoje não apita nada nas leis internas. Aos pouquinho a FUNAI foi perdendo autonomia né, hoje a FUNAI está só com demarcação ponto final. Mas eu fui uns dos lutador de tirá esse tapete, debaixo, esses órgão. Foi uma luta muito grande mas a gente foi vencendo né, usando as nossas estratégia e nós era considerado tutelado né até oitenta e oito, então tu não era dono de si, tu não podia fazer negócio, tu não podia abri uma conta no banco, tu não podia fazer empréstimo então quem dava aval era só a FUNAI, pra tu fazer.

Eu via muitos meus pais e quando vivenciei isso...Tu saia da aldeia eles tinham que te dar uma portaria. Eu também cheguei a per uma “porta”, portaria, ai tu tinha, se tu vai ficar oito dias, não podia passar desses oito dias, se passou tinha que dar satisfação. Ai quando meus pais ia vender artesanato em alguma cidade eles tiravam a portaria praquela cidade lá, se eles iam na outra faziam pra ir pra duas cidade se eles iam numa outra que eles eram talvez a segurança da cidade, as liderança da cidade te prendiam por que via aquela portaria e iam te dizer que tu tinha que estar lá naquela cidade e não aqui, era um dos cuidado que tinha que ter, daí se tirava pra, portaria pra vinte dia, que se tu passasse cinco dia tu tinha que chegar levar a portaria de volta e explicar porque que tu ficou mais cinco, tinha que, tinha que dar satisfação. Daí nessas época a gente perdeu muita oportunidade né, de trabalhar numa fábrica, numa empresa, sair pra jogar uma bola nos times famosos né, me aconteceu isso, se não hoje e tava aposentado no futebol e eu não fui porque eu tinha, eu tinha tutela né. Jogava bastante eu tanto jogava no goleiro, na zaga de centroavante até ganhei o nome, apelido de Pelé por esse chefe da aldeia, tal de Lourenço, não me lembro o nome dele, ele que me apelidou, da Funai ele, assistia muito nosso jogo de bola, eu jogava muito então ele me apelidou de Pelé, então eu sou conhecido em Votouro como Pelé, chego lá eles já vão me encontrando dizendo que Pelé tá por ai.

Gabriel: O sr. fez cursos de bilinguismo?

Refej: Sim foi em noventa e dois, recente isso. Tinha outros, aconteceu outros, tinha da FUNAI. Tinha o da FUNAI, não era pra ser professor bilíngue era pra ser monitor da professora branca. O monitor da FUNAI incentivavam pra aprender coisas do branco, eles eram monitor pra traduzir o que a branca explicava, pra eles entender a linguagem português, com isso foram desvalorizando a língua, foi desvalorizando a cultura, eu me lembro bem, que eu fiz uma prova com a professora e que na prova estava perguntando quem que descobriu o Brasil? E nós tirava de letra né que era Pedro Alvares Cabral, hoje pra mim ta certo que ele não descobriu o Brasil ele invadiu os territórios indígenas, é um exemplo por que nós fomos aprendendo, a colonialidade, outro exemplo quando nós lutamos pra tirar a educação da FUNAI e passar pro estado, reconhecer como educação indígena tradicional. Qual é a primeira coisa? Mudar os nomes das escola, por que nome da escola em, por exemplo Votouro, o nome da escola era José de Anchieta, que foi o maior matador de índio, então imagina né a barbárie. Ficou Toldo Coroado, está errado também, porque toldo Coroado? Não, está certo, nós semos Coroados, o que ta errado é a escola que tá num território guarani, por que hoje onde está instalado hoje o

Votouro, a sede ali, ali os primeiros moradores foram os guarani, a aldeia Votouro é la nos Kandóia, a aldeia Votouro era instalado lá, depois eles tomaram conta dos Guarani, aqui antigamente era secção Tupi agora Toldo Coroado. Ai eles pressionaram os guarani tomaram o lugar deles e por isso que os guarani foram pra Guaviroba, Guaviroba baixa. É assim a história.

ENTREVISTA 2 - JOSME FORTES KONHKO - 19 de Janeiro de 2018.

Gabriel: Onde nasceu?

Konhko: Eu sou natural de Nonoai. Aldeia posto indígena Nonoai né. Desde de eu pequeno nasci, me criei depois de trinta e poucos anos eu passei para morar em São Leopoldo. Estudei a maioria do meu estudo foi lá, passei para cá agora sou professor também.

Gabriel: Como era sua vida quando chegou a São Leopoldo.

Konhko: Eu não me acostumo na cidade sabe, por que me criei no meio do mato. Quando alguém me pergunta _Por quê que tu veio parar aqui em São Leopoldo? Eu parei aqui por que não tem mais mato onde é que eu moro, já foi destruído, agora já não tem mais mato para eu caçar. Eu me lembro que quando eu era pequeno né, eu saia com meu pai para caçar, nós pescava, agora não tem mais peixe lá por que o rio está todo poluído. Esses tempos que eu estou aqui em São Leopoldo, eu sinto saudade da minha aldeia onde eu me criei, por que é diferente né, o clima é diferente por que lá é a natureza né

Gabriel: Você lembra quais foram as primeiras conversas sobre ficar em São Leopoldo definitivamente?

Konhko: Pra vir morar pra cá em São Leopoldo, primeiramente eu tinha vindo para Carazinho vender artesanato, essa é minha história de como eu vim parar para cá. De lá eu vim para cá vender artesanato com meu filho mais velho que hoje já está com vinte anos. Ai eu gostei muito, o cacique disse: Quer morar ai com nós? Pode morar.

Gabriel: Quem era o cacique da Por Fi Ga?

Konhko: Era o Sr. Darci, que é meu irmão mais velho, régre, agora ele está com cinquenta e poucos anos e faz parte da nossa liderança também.

Gabriel: Conhece outras comunidades indígenas kanhgág? Quais? Quais diferenças tem das que você conhece para a Por Fi.

Konhko: Aqui na metropolitana eu conheço, o Morro do Osso, Lomba do Pinheiro, Farroupilha, conheço tudo. A diferença do Por Fi Ga é que cem por cento são falantes de Kanhgág e as outras aldeias, quando tu vai em algumas comunidade tu vê só falar em Português. Aqui em São Leopoldo não, por que é a liderança que fortalece. Por que nosso cacique não quer ver índio casando com branco e em outras aldeias as índias podem casar com o branco. Então a diferença da aldeia Por Fi Ga de São Leopoldo é isso por que nós somos falantes, as entidades aprovam e gostam muito na nossa comunidade por isso, por que somos falantes da nossa língua, não perdemos ainda.

Gabriel: Quando a comunidade não estava na Feitoria, tem alguma lembrança?

Konhko: Eu me lembro a primeira vez que nós chegemo ali né, por que era só mato tinha só capim. Ali quando entramos cada um fez sua barraquinha e isso eu me lembro muito. Fizeram fogo debaixo daquela madeira grande que está lá né, começaram a fazer fogo assar carne na brasa, farinha torrada e nós se deliciando e essa lembrança ficou em mim. Uma coisa muito boa isso ai pra mim.

Gabriel: Como foi que tu conheceste sua esposa?

Konhko: Eu conheci assim nas brincadeiras, nos jogos. O pai dela não gostava de mim também né". A minha filha não vai casar com esse". Mas quando os casais se gostam não adianta, rolou e nós casamos juntos. Já vai fazer quase dezenove anos, nosso filho mais velho está com dezoito anos.